

A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO I

GERENTE—JOSÉ OLYMPIO DA ROCHA.

N.º 16

FORTALEZA, 4 DE SETEMBRO DE 1887.

REDACÇÃO :

JOÃO LOPES, JOSÉ CARLOS JUNIOR, ABEL GARCIA, A. MARTINS, OLIVEIRA PAIVA, ANTONIO BEZERRA, JUSTINIANO DE SERPA, PAULINO NOGUEIRA E MARTINHO RODRIGUES.

SUMMARIO

Expediente;
A Papisa Joanna ou uma legenda parasita. DR. G. STUART;
Suspirando.—J. G...
Soneto.—PERRY;
Apontamentos esp. sos.—JOSÉ CARLOS JUNIOR;
Estatuétas.—PERRY;
A côr morena.—PAULINO NOGUEIRA;
A Barata e a véla.—OLIVEIRA PAIVA;
Mãe dolorosa.—F. CLOTILDE;
Livros e folhetos;
Annuncios.

EXPEDIENTE

Assignaturas

CAPITAL	
Trimestre	25000
Semestre	45000
Anno	85000
INTERIOR E PROVINCIAS	
Semestre	55000
Anno	105000

ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 56

A Papisa Joanna ou uma legenda parasita

La cérémonie du siège stercoraire dont on travestissait si imbrudemment le sens était une des plus touchantes inspirations du génie chrétien. Au moment où le pape nou-

vellement élu quittait le siège vulgaire où il était assis pour monter au trône de Saint Pierre, le chœur chantait ces paroles du psalmiste: Suscitans a terra inopem et de stercore erigens pauperem, ut collocei eum cum principibus, cum principibus populi sui.

E. DARRAS.

Autores do seculo undecimo e alguns vindos depois, diz-se, escrevem que entre Leão IV, que falleceu a 17 de Julho de 855, e Benedicto III, que falleceu a 10 de Março de 858, uma mulher tinha encontrado meios de se fazer eleger Papa e occupara a Sé de Roma por espaço de dois annos, cinco mezes e quatro dias, sob o nome de João Anglo ou João VIII.

Foi esse um achado precioso nas mãos dos adversarios da Igreja Catholica, romancistas e apreciadores das chronicas escandalosas.

Não buscavam acordar comtudo, sobre as occurrencias mais salientes, que se prendem a existencia d'essa mulhepphenomenal seu nascimento por exemplo pois que uns a julgam de nacionalidade ingleza e outros filha de Moguncia n'Allemanha, e si algum facto apontam é para commetter anachronismos, quando se sabe que no seculo IX as celebres escolas d'aquella cidade se tinham fechado por effeito das invasões dos barbaos, particularmente dos bulgaros; mas affirmam que trajando a homin conseguiu occultar o sexo a todos que a cercavam, e n'uma procissão ao Coliseu, revestida dos habitos Pontificaes, dera nascimento a um filho e fôr então descoberta.

Felizmente o seculo que atravessamos, vae assignalando-se pelo escrupuloso cuidado, que a historia tem merecido aos homens dedicados a esse ramo precioso e importante da sciencia moderna.

A historia não é mais um thema obrigado da rhetorica, não é o appendice das philosophias; tem hoje interpretes de consciencia, os quaes, libertando-se dos preconceitos, fugindo ao exclusivismo das escolas

influencia dos partidos, não se constituem apostolos, pregoeiros d'esse ou daquella grãpo, d'essa ou daquella familia, à guisa do que faziam historiadores de outr'ora, que outro merito não houveram senão o de dificultar as pesquisas ulteriores e perturbar os espiritos e até as consciencias.

Nisso manifesta-se ainda a orientação do espirito humano no seculo actual, sempre em busca da verdade, qualquer que seja o assumpto que o occupe, quaesquer que sejam as investigações a que elle se propoña.

Para consecução desse desideratum não tem concorrido pouco a liberalidade com que hão sido fructuadas aos eruditos as collecções de Paris, os ricos cartorios de Simancas, e ultimamente os archivos do Vaticano, que não tem iguaes em toda Europa, mais importantes que o conjuncto de todos os archivos europeus na opinião de insuspeita Allgemeine Zeitung.

A carta endereçada a 18 de Agosto de 1843 aos cardeaes Hergenroether, Pitra e Lucca si attesta a profundidade de vistas e a elevação intellectual do Leão XIII, assignala principalmente

Ainda desta carta os Summos Pontifices se tem mostrado verdadeiramente empenhados em que as narrações sejam fieis traductoras dos acontecimentos, como o reconhece Babington

Macaulay, quando, tratando da historia de Elogia, confessa que os Medicis são nella estudados com imparcialidade e liberdade, que honram igualmente ao autor e ao Papa Clemente, que mandara publical-a; e, alimentando esses sentimentos e divulgando esses desejos, elles, os pontifices, só tem tido o que lucrar, pois haviam sido quasi sempre desapiedadamente julgados e expostos a contrarios criticas as mais erroneas por basearem-se em falsos alicerces, e as mais extravagantes e contradictorias, porque nellas falla a voz da paixão, echoão os sentimentos pessoais.

Gregorio o Grande ergue-se em toda a magestade de seu genio asombroso e, graças a Voigt, Hebele, Casoli, Davin e Obach, apresenta-se ao mundo qual elle foi na realidade. Alexandre VI não é mais o de-

monio da lascívia, o monstro capaz de todas as torpezas, como pintavam-o os diários de Burchard; diante dos manuscritos da Bibliotheca Nacional. Ulysses Robert proclama a Calixto II como uma das mais fulgentes glórias de França; Xisto V, o Pontífice indomavelmente energético, o político consummado, rival dos reis, alma de maior altivez que a do filho de Carlos V, consoante Voltair, vulto que *sous le pompeux d'at d'un triple diadème* (Henriade) eleva-se muito além dos seus contemporâneos, encontra hoje nas obras do profundo harão de Hubner, escriptas em face de documentos, que duvida não soffrem, o imparcial veredictum, e sua vida tão cheia de incidentes, sua historia tão preñhe de acontecimentos grandiosos são estudadas à luz radiante da verdade, não ao frouxo clarão dos odios partidarios.

Não admira, portanto, que a sciencia, que registra sem reboços, sem parcialidade os feitos dos membros mais salientes da grande familia humana, tenha buscado e conseguido apurar tambem o que de real existe n'uma chronica escripta em Monguncia por Mariano Scoto, monge benedictino, no anno de 1083, mais de dois seculos, portanto, depois da epoca em que se diz occorrera o facto attribuido a esse Pontífice do sexo feminino, circumstancia, que merece mais justos e severos reparos do que a Gaston Buisser mereceu o Galileo, Galileo, venceste do apostata Juliano, segundo ha pouco li na «Revista dos dois Mundos» a proposito dos trabalhos de Adrien Naville e F. Rodc.

A fabula posta à conta do frade Sigeberto da Abadia de Gemblours no Brabant, que escreveu no anno de 1112, nas obras do arcebispo Martinho Polaco, fallecido em 1270, cento e oitenta e quatro annos depois da morte de Mariano, e aproveitada por outros, que corrigiram as circumstancias ridiculas como por exemplo, a da cadeira estercoraria (é a invenção a que se refere a epigrapha por mim escolhida) em que um exame devia ser feito ao Cardeal enviado ao pontificado, afim do sexo ser verificado e evitar-se a reproducção do caso de Joanna, ou Ignez, ou Isabel, ou Angelica, ou Margarida, ou Dorothea, porque muitos são os nomes dados à successora de Leão.

As pesquisas mais recentes tem conseguido desmoronar essa lenda, que fazia as delicias dos Centuriadores de Magdeburgo, Theodoro de Beze no Coll quio de Poissy (1561) e dos theologos inglezes do periodo Elizabethano, nom mesmo dão-lhe guarida os protestantes Leibnitz, Heumann, Boxhorn, Cave, Jurieu, Shock, Burnet, Bochart, Basnage, Courcel e tantos outros de alt

terio e vasta erudição.

Para não fallar nos mais, basta que eu transcreva as palavras do primeiro d'esses escriptores.

Diz Leibnit: «Acabo de pôr a limpo uma dissertação composta no tempo em que estudava a historia do seculo IX e me occupava muito de discussões chronologicas. Intitulei-a *flores sparsi in tumultum Joannae papissae* — flores esparsas sobre o tumulto da papisa Joanna. Acabo de destruir n'essa obra a fabula da papisa, já confirmando as provas conhecidas, já lhes acrescentando novas. Derramo abundante luz sobre a chronologia desses tempos, que precisavam ser esclarecidos, e respondo aos ultimos argumentos de Frederico Spanheim, que emprehendia rehabilitar essa fabula n'um livro impresso ha annos na Hollanda.» (Opera, L. II, pag. 284, Epist. ad P. D. Bruce).

N'um antiquissimo Codigo de Martinho, que se conserva na Bibliotheca de Pariz, vê-se inserida à margem, por mão adultera, essa fabula decantada, como bem observou o protestante David Blondel, sabio professor de historia em Amsterdam, fabula que não se encontra tambem nos velhos exemplares de Mariano e Sigeberto bem como no antiquissimo Codigo de pergaminho, que se conserva na bibliotheca do Vaticano e que traz a chronica «De gestis summorum Pontificum et Imperatorum», e no autographo original de Mariano, encontrado por Waitz em 1844 no «Codex palatino-vaticanus» n.º 83, e publicado no tomo V dos «Monumenta Germanica» de Pertz pag. 481, donde se pode concluir que a existencia de João VIII é uma addicção feita aquelles autores por algum copista pouco escrupuloso, copista que hoje se sabe ter sido Jean Herold, editor de Basilea (1559).

Admittida a hypothese de que esses originaes não houvessem sido encontrados, acha por ventura alguma cousa difficil que mãos impuras acrescentassem passagens ou trechos aos manuscritos de Mariano e Martinho?

Julgal-o é desconhecer a intensidade, a violencia das paixões humanas quando ateadas pelo sopro das lutas religiosas, é recusar aos seculos de maior ignorancia, quando da imprensa nem se cogitava, a possibilidade de um facto tantas vezes denunciado em epheas de mais adiantada civilização, até no seculo actual, como, para não citar outros exemplos, aconteceu em 1825 com a Historia de France do erudito Lorique.

Então fazia-se precis excitar a animadversão do povo francez contra as ordens religiosas, e, pois, a imprensa anticatholica, tendo à sua frente o CONSTITUTIONNEL, começou a espalhar que a obra historica do

ções calumniosas contra os Bonapartistas.

Lorique protesta, seus amigos provocam os denunciante para que citem a pagina em que se encontram as phrases a elle attribuidas e... continua a campanha da calumnia, e do jornal ella passa à tribuna do parlamento, graças à leviandade do deputado Passy, e ainda hoje ha quem nos falle do «Marquez de Buonaparte» e affirme que isso estava escripto na Historia de Lorique, porque um desalmado falsario n'um volume d'ella intercalara periodos destinados a ser arma de guerra contra um inimigo temido.

Porque nos seculos IX e X não poderiam existir Loriques?

Ainda admittida a hypothese de que Mariano Scoto e o arcebispo de Gnesen houvessem escripto realmente o que se lhes attribue, resta explicar como historiadores contemporâneos, Anastasio o Bibliothecario, por exemplo, testemunha ocular das eleições de Leão IV e Benedicto III (leiam-se as affirmativas de Panvinie os producentes argumentos de Blondel, Bayle e Sarran) Adon, Algenon, Flodoardo, Hincmar de Reims e Lobo de Ferrieres, contemporâneos de Benedicto, calaram-se sobre a papisa Joanna, como o fizeram dous gregos schismaticos do mesmo seculo, Phocio e Metrophano de Sinyrna; e como o fizeram igualmente Lambert, Schasnaburgo, Reginon, Raccourci, João Curoplata to que, todos, escreveram antes de Mariano.

Ha dois testemunhos, contudo, que não quero deixar no olvido: o de Hincmar, que representará, si quizerem, a egreja bel, e o de Phocio, anathematisado pelo Papa Nicolau, inimigo rancoroso da Santa Sé.

Diz o illustre arcebispo em carta ao papa Nicolau: «Quando o pontífice Leão IV escreveu-me informando sobre os motivos que retardavam a confirmação dos actos do concilio de Soissons, soube que o imperador Lothario fazia intervir junto ao legado Pedro de Arezzo um bispo das Gallias, que ainda hoje vive, afim de impedir que o Senhor Papa ratificasse os actos do nosso synodo. Por conselho de meus irmãos e bispos, nos quaes a respeito informei, mandei enviados à cidade de Roma; mas estes souberam em caminho do norte de Leão e quando chegaram encontraram promovido ao concilio episcopal o Senhor Benedicto, verdadeiramente benedicto no nome e nos actos.» (Epist. XI. Pat. lat. tom. CXXVI)

Deixemos agora a verdade encobrir-se pelos labios de patriarcha schismatico: «Nosso patriarcha coadjuca o nobre Pontífice Leão IV, cujos milagros em vida attestam a santidade; teve por successor esse anjo de mansidão e caridade, que se

chamava Benedicto." (Lib. de Spiritu Santo, Patr. græc. tom. CII col. 376-377.)

Como se vê, amigos e inimigos dão-se as mãos para derrocar a fabula monstruosa, como a chama o protestante Jurieu, a mentira flagrante como se exprime Barthelemy.

Nos "Estudos religiosos, historicos", de Maio de 1869, citados no tratado de historia ecclesiastica pelo abbade Rivaux lê-se que: "Examinados os manuscriptos do *Liber Pontificalis* e das chronicas de Mariano Scotto, Martinho Polaco e Sigeberto de Gemblours, referidos outr'ora como os primeiros testemunhos da celebre tradição sobre a papisa Joanna, se conhece com evidencia que as palavras relativas a essa tradição foram introduzidas por copistas do seculo XIV ou XV ou pelos primeiros impressores dessas chronicas."

Benedicto III succedeu immediatamente a Leão IV, eis a que a historia tem concluido depois de rigorosa devassa; para essa conclusão concorreu até a numismatica, descobrindo medalhas cunhadas em 855 com as effigies de Benedicto e do imperador Lothario I. que morreu em Setembro d'aquelle anno.

Affirmar o contrario é ser réo de ignorancia crassa, como diz Muratori (Annaes de Italia), é apregoar um conto vulgar, motivo para zombarias e escandalos, indigno do exame da critica, como se exprime Cezare Cantù.

Envio os que desejam ter amplas, completas informações sobre o assumpto aos escriptores: Panvinio, "Annotações e vidas dos summos Pontifices"; A sio, "Confutazione fabulæ Joannæ Papisæ"; George Sherer "U... mulher nunca foi pontifice", publicada em 1586 em Vienna e no mesmo anno em Veneza por Giolito; Philippe Lebbe "Cenotaphio Joannæ Papisæ" t. m. VIII; Joannis Abhatti, na obra intitulada "De Joannæ Papisæ fabula comitio" Roma 1630; Garampi, Nummo argenteo Benedicti III, Carlo Blasch "Die riba de Joannæ Papisæ, seu de ejus fabulæ origine"; Ludovico Richeomi "Erreur Populaire de la Papesse Jeanne"; Francisco Pagi "Dissert. de Joannæ Papisæ."

Recomendo igualmente as notas do professor d'Alzog, o dice. de erudição historico-ecclesiastica de Moroni e os bellos artigos de Darras, Barthelemy, Chantrel Rivaux, os quaes todos ponho a disposição de quem delles quizer aproveitar-se.

DR. G. STUART.

SUSPIRANDO

Ai, sempre a suspirar, volvendo os olhos
Para o lado da casa onde ella mora!
Quem sabe—digo assim—se o meu affecto
Outro affecto o recorda alli n'esta hora?!

Si a saudade, que sinto dentro d'alma,
O desejo incessante de ftal-a...
A magia, que meus olhos escravisa...
A doce commoção lh'ouvindo a falla...

Ai, si o mesmo ella sente, ou si o desprezo
É a sorte d'este amor que me devora?!—
Murmuro a suspirar, olhando triste
Para o lado da casa onde ella mora!

Meu Deus! E seu amor fóra o oásis,
Que salva o transviado no deserto,
Entre o gelo dos Alpes quente abrigo
A quem anda perdido, exausto, incerto!

A seu lado os meus risos voltariam,
Dos olhos o fulgor... almos olhares...
No seu collo innocente os magos sonhos,
E as tardes de visões e de scismares!

E, poeta outra vez, descantaria
Versos ardentes qual cantei outr'ora!...
Ai, murmuro e suspiro, olhando triste
Para o lado da casa onde ella mora!

J. ...

SONETO

Das Cecílias

Era um casal—dous pombos venturosos
na moita umbrosa estretecendo o ninho,
beijando-se nas bordas do caminho
viam-nos sempre os lobos invejosos

Feito o ninho de fios amorosos
—élos do amor; do affecto e do carinho;
Passou a Inveja—o caçador damninho
que tem nos olhos dardos venenosos,

Apontou para o par meigo entendiado,
com o arcabuz maldito envenenado
no ciume e na atroz maledicencia...

Partiu a bala e o pombo assassinado,
rolou no espaço morto inanimado!
E tu voastes pomba de innocencia.

PERY

Abril - 87.

Apontamentos esparsos

II

Uma escola artistica ou litteraria, nascida de certas condições determinantes em um povo, pode florescer entre um povo diverso, por mero espirito de emulação, sem vida propria, brilhando um momento fulgurantemente, viciando quasi sempre alguma organização superior, como aconteceu no Brazil com Alvares de Azevedo e Junqueira Freire.

Com effeito, esses dous vultos de nossa litteratura são tão estranhos à sociedade em que viveram à indole e ao caracter do nosso povo e à mentalidade brasileira do seu tempo que apenas fulguraram com uma luz emprestada—as suas produções foram determinadas por motivos estranhos a nossopaiz. Si o segundo foi, por que affectavam a individualidade, talvez lido fac para a escola que se guiava, e adaptava-se ao seu estado psychologico, o

primeiro não achou senão no estrangeiro as determinantes para escolher a senda que adoptára. A sua idiosyncrasia não é filha da America; ella era entre nós verdadeiramente phenomenal; constituiu-se, por assim dizer, artificialmente, à força da influencia dos byronistas e mussollistas.

Aquella época e aquella parte da mocidade brasileira que foi arrastada, fascinada pelo radiar d'aquelles dous talentos superiores, um dia passarão a ser consideradas um accessorio, um ligeiro incidente na historia da litteratura brasileira, onde foram flores exóticas inacclimatáveis.

Não era aquelle o tempo do nosso scepticismo litterario, os nossos verdadeiros Byrons não de ter outra physionomia, quando tiv- rimos uma litteratura, que seja filha da nossa sociedade e não hospeda della.

Um facto diametralmente opposto ao que se deu em nossa litteratura é o que se observou na litteratura russa.

Si alli o scepticismo romantico teve uma acção mais intensa e demorada, mais accentuada, si elle produziu individualidades litterarias pelo menos tão vigorosas como no occidente da Europa teve tambem uma vida propria, caracteristicos particulares, que mostram não ter sido elle um mero producto da influencia es-

Já se tem tentado ou procurado fazer diversas vezes o parallelo de Puchkine e Lermontoff com os seus da escola correspondente na Europa, mas a comprehensão que no mundo latino se tem do espirito que anima a litteratura slava não tem sido sempre a mesma, ou, para melhor dizer, de vacillante, vaga, que era tem se accentuado consideravelmente nos ultimos tempos.

Para occidente, só à luz das recentes manifestações do genio slavo, e estas brilhantes expansões, que steem-se imposto a todas as litteraturas vizinhas é que podem ir sendo estudadas e devidamente comprehendidas as anteriores phases da litteratura russa.

Não somente o scepticismo de Puchkine e Lermontoff é profundamente sincero, como é perfeitamente filho da sociedade russa. De Byron elles receberam apenas o encaminhamento. Em *Petchorin* (1) o Child-Harold de Lermontoff, a Russia reconhecia um personagem que frequentemente encontrava, um typo quasi vulgar, o seu *blasé*. Os nomes e as cousas, que elle vê por um prisma byroniano, as paixões, os sentimentos, que provocam a sua misanthropia, tudo é essencialmente russo, tudo elle achou em torno de si.

(1) Protagonista do principal romance de Lermontoff.

Child-Harold ou Byron precisavam sair de seu paiz e ir procurar as modalidades de seus sentimentos pelas regiões meridionaes da Europa.

Resumindo, o espirito de Byron formou-se ou consolidou-se nas suas peregrinações, os seus assumptos são todos estrangeiros (don Juan, Lara, Beppo, Corsair, Parisina, Bride of Abydos etc.). Em Puchkine e Lermontoff já existiam as tendencias mais poderosas, a melhor idiosyncrasia quando lá chegou o echo do byronismo, que foi para o primeiro uma especie de Eureka.

O segundo parece ter comprehendido ainda melhor a identificação daquella escola com o caracter e a sociedade russa.

Não é o sim, les *blasé* do occidente, leviano, egoista, considerando-se extranho, superior, excepcional no seu meio, o que os moscovitas nos revelam. É um observador metuculozo das misérias e do coração humano, um pessimista convicto e consciencioso. É o germen abortado de um perfeito nihilista.

JOSÉ CARLOS JUNIOR.

ESTATUETAS

III

Deleste ondina, loira, tenue, nua,
A alma do bardo ao lago azul deslisa,
Rufando as azas languida fluctua,
Zenuphar que desbrocha á fresca
(brisa.
—rrompe às vezes d'alma o verbo
(forte
Coda-a hyperbole azila o pobre es-
(cravo
Libertador de lei na luta bravo
—ndio de sangue goitacaz do Norte.

Para delinear este busto em barro nacional, em argila propria, de sob os cájuei os das quintas onde nasceram Iracema e Porangaba, eu precisaria de lavas vulcanicas, si não tivesse a probabilidade de conseguir o moldal-a sob o soberbo raio solar que aquece o nosso humil' *à atelier*.

Ha nos contornos desta estatueta uma difficuldade enorme a vencer: —é a originalidade especial de sua materia prima

Um individuo cujos traços physionomicos, sympathicos ou antipathicos se observem phrenologicamente, pode dar sem probabilidade contra uma de achar-se a idéa exacta de sua propriedade physiologica.

Esta estatueta está neste caso; isto é, sob a analyse do mais acurado estudo e da mais severa observação será ainda difficilissimo achar a sua verdadeira composição animal

ou mineral de que é construída. É, portanto, pela sua perspectiva que tentaremos descrevel-a.

Perfil mediano, flegivel e leve. Ao primeiro golpe de vista, temos ali um rapaz. Traje à moda, feições sympathicas, linhas correctas e expressivas. Fronte espaçosa, nariz aquilino, bigode curvo, olhos castanhos atravez do indispensavel *pence-nez* de vidros brancos, tudo isto sommado dá uma physionomia franca, alegre, accessivel e boa.

O porte é despretencioso mas convicto. Usa guarda-sol, essa columna forte de quasi todo o empregado publico.

Eis ahí o typo.

Agora as habilidades accessorias—

Colloque-se-lhe ao lado esquerdo, o do coração, uma lyra em que dedilhe e cante estrophes magoadas como as arrulhadas endechas da quadra juvenil, dos *sonhos de moço*.

Uma lyra, um alaúde ou um violão onde repita o exilio, sob a tenda bohemia de estudante os saudosos cantos de recordações ingenuas do amanhecer da vida:

«Quando as vezes eu scismava
nas horas do escurecer,
elli apoiada em meu hombro
vinha ajudar-me a gemer,
e me fallava em tristezas
que nunca pude entender.»

—
Ou então o pancadismo bairrista da sua *viola de ronco*:

«Sou filho do Norte, do solo mais
(fertil
Das terras de lá
Da plaga onde a noite segreda a
(harmonia
e a lua é mais linda no céu de poesia
do meu Ceará.»

—
Ou cante, gemendo sob as tempestades d'alma, rufando os degra-deiros recuerdos de Ilhá noita despedida onde o coração, ferido pela perfidia, arremessa corruscantes estrophes impellidas pela violencia do resentimento profundo como o espaço, em cujo vacuo luminoso se estilhaçam os verbos inspirados pela muza altiva:

«Adens, Ilhá, sei que morro
bem moço ainda, bem sei;
Não compr'endeste a grandaza
d'aquelle amor que te dei;
Busca das almas já gastas
a gloria que a tua almaja,
meu genio não mercadeja,
perdôa quo me enganei.»

—
«Não te condooas da mim
que o meu orgulho se off nde.
Eu sou a rocha altancira
que o raio bate e não fende!
Como a flor quo o sol desceora,

murchará teu riso pulchro,
da podridão do sepulchro
O cirro não te defende...

Nestes versos copiados algures
está esteriotypado o sentimento do
nosso poeta.

Quem o lê nestes versos juvenis
vê-o ainda hoje assim,—franco, hy-
perbolico, lhano, affavel e sempre
camarada do rapazio do tom como
chama-nos a nós todos e a si pro-
prio.

Volvamos ao lado direito e collo-
quemos-lhe no punho cerrado e vi-
goroso o estopim e o facho de pe-
troleo do revolucionario. Elle foi
um dos dez grachos emergidos das
emanações sagradas do sangue de
Mororó e Carapinima; desses dez
que deitaram fogo, de uma vez, ao
pasto maldito da escravidão, fazen-
do desaparecer as urzes e surgir a
seiva nova do trabalho livre em
meio da plena egualdade social.

Rodciemos o seu pedestal de uma
legião de cupins faminta de pão e
de luz, à procura dessa carta de li-
berdade nacta que elle inventou a-
brindo em seu grande coração um
farnel inexgotavel—o farnel da es-
mola rojada de sua nobre alma co-
mo o veio biblico ao povo de Moy-
sés.

Façamol-o nesta ultima posição
um ideal do Pelicano da legenda
rasgando o seio para nutrir os fi-
lhos.

E depois conservando-o heroe
com a proclamação dos factos no
pantheon denossa consciencia, le-
vantemol-a, a nossa estatueta em
pedestal proprio.

Venham livros, livros novos, be-
escriptos, prendas das nossas
cassas lettras, e, com a arga-ma
do jornalismo, levantemos o capi-
da nossa estatueta tão tosca me-
tão veneravel como um vaso antigo
e alevantemol-a entre hurrahs de
enthusiasmo sobre este formoso ca-
pitol:

SONHOS DE MOÇO
HORAS DE RECREIO
VIAGEM A MARANGU.
VIAGEM AO INTERIO.

CIA.

Eis ahi uma base solida e sober-
ba, um capitol invejavel que eu ad-
miro e applaudo como sincero apre-
ciador.

PERV.

A CÔR MORENA

Ha muito quem tenha cantado ou
decantado outras côres:

—(Garrett)—a côr branca mas bran-
ca da côr da prata fosca ou fusca

E de ti, linda Branca, de ti bella,
Mimosa dama, tenra e delicada...

(D. BRANCA, Cant. 2, pag.)

—S. Rita Durão—a côr alva, mas
alva da côr da neve.

Paraguassú gentil (tal nome teve)
Beim diversa de gente tão nojosa:
De côr tão alva, como a branca neve,
E d'onde não é neve, era de rosa;

(CARAMURU', Cant. 2., Est. 78.)

—Gonzaga — a côr branca rosada—

Na tua face mimosa,
Marilia, estão misturadas
Purpureas folhas de rosa,
Branças folhas de jasmim.

(DIRCEU, Lyra 2.ª, pag. 11.)

—Camões—a côr de neve com u-
mas tranças douradas, retrato en-
cantador de Venus supplicante e
agastada aos pés do enamorado Pa-
dre Soberano. —

Os crespos fios d'ouro se esfarziam
Pelo collo, que a neve escurecia.

(LUSIADAS, Cant. 2.ª, Est. 36)

O hespanhol, como todo hespa-
nhol—sempre loureiro, preferiu a
côr loura ou ruiva—

Mi guatar todas
En general;
Pero las rubias.
Mi gust

...s Virgilic que era moreno, de
modesto que sempre foi, desdenhou
de todas as côres—

Melhor não fora o entono rufo
De Amarylles soffrer? Soffrer Me-

tem que és alvo e elle fusco? O lin-

do Alexis,

Em côr não creias muito: a branca
(alfena

Cahe murcha, apanha-se o vacino
(escuro.

(Egloga 2.ª, Traducção de O. Men-
es, pag. 20.)

Si, porem, o mavioso cantor de E-
neas tivesse de decidir-se, decidida-
mente se decidiria pela côr morena,
essa linda côr que tanto enfeitçou a
Castro Alves

Onde vaes á tardinha,
Mucama tão bonitinha,
Morena flor do sertão?

Minha Maria é morena
Como as tardes de verão;
Tem as tranças da palmeira
Quando sopra a viração.

A Cachoeira de Paulo Affonso,

Poema Original Brazileiro pag. 5 e
20.)

Quem em sua mocidade não leu a
«Moreninha» de Macedo? E uem
lendo-a, se terá esquecido da senti-
da balada de Ahy, cantada quotidia-
namente e á tardinha, pela desven-
turosa e joven amante, sobre o ro-
chedo, testemunha e confidente dia-
ria de suas maguas, com a vista
perdida no azul do mar e a mente
no ingrato Augusto?...

Eu tenho quinze annos
E sou morena e linda!
Mas amo e não me amam,
E tenho amor ainda.
E por tão triste amar
Aqui venho chorar.

(A Moreninha, pag. 127)

E não era para menos; pois o in-
grato, em vez de render-se a tantos
encantos e extremos, correspondia-
os com uma volubilidade crudelissi-
ma, de borboleta: —

N'um dia, n'uma hora,
No mesmo logar,
Eu gosto de amar
Quarenta,
Cincoenta,
Sessenta:
Se mil forem bellas
Amo a todas ellas.

(A Moreninha, pag. 157)

Não assim Guerra Junqueiro; a-
mou uma morena, e não só deu-lhe
a alma, vida e coração, como a ce-
lebridade, a immortalidade em sa-
crosanta consolação:—

E olha que foram
Morenas e bem
As moças mais lindas
De Jerusalem.
E a virgem Maria
Não sei... mas seria
Morena tambem.

Moreno foi Christo.
Vê lá depois d'isto
Se ainda tens pena
Que as mais raparigas
Te chamem morena!

(A «Musa em Férias, A «Morena»
pag. 113)

Mas, admira que Guerra Junquei-
ro, eleito com toda justiça, o primei-
ro poeta de Portugal, excepto Camões
(que já considerado divindade foi ex-
cluido do pleito entre mortaes); su-
perior a Alexandre Herculano, aos
Castilho, e até a Garrett e Bocage,
ainda tenha duvida de que Maria
Santissima fosse morena!

isto só mostra que o autor da
«Morte de D. João» anda melhor in-
formado das cousas profanas do que
das religiosas.

Pois não tenha mais duvida que
a propria Virgem Maria quem co

tal se denomina no "Cantico dos Canticos", Cap. 1.^o, vers. 4:—

"Nigra sum, sed formosa, Alia Jerusalem; ideo dilexit me Rex, et introduxit me in cubiculum suum."

(Traducção:—« Eu sou morena, mas formosa, ó filhas de Jerusalem; por isso o Rei me amou e me acolheu em seu cubiculo.»)

Non o permaneça em duvida o emprego do "nigra", que vem nos Dicionarios latinos com a significação de negra; pois Carriera, Cantico dos Canticos, Tom. 4, Cap. 1.^o, vers. 4, Nota 4, interpretando esse adjectivo, diz:

"Vox hebraica—scechorah, significat—subnigram, seu fuscam, quasi dicat: Fator, fusca sum cute manuum et faciei, ut solant quæ ruri degant, et greges minant; verum facie sum linali et lineamentis decoris, et totius corporis membris elegant et venusta."

Traducção: «Voz hebraica—scechorah, que significa—morena ou fusca, como se dissesse; Confesso: tenho a cutis fusca (queimada) nas mãos e da facie, como acontece com aquellas que vivem no campo e apascentam os rebanhos; mas sou graciosa de rosto e de traços (feições) nobres, assim como totalmente elegante e bella do corpo»)

Ora, de Nossa Senhora disseram os Santos Padres:

"Meu Deus!... Vós podes crear um céu mais formoso, um sol mais brilhante, uma terra maior, um homem mais perfeito, diferentes creaturas, diversas maravilhas; porém vós jamais fareis uma virgem tão formosa, tão perfeita, tão excelsa, como é a Mãe de vosso Filho: "Majorum mundum facere potest, majorum matrem non potest."

Mas, a Maria Santissima era morena, a cor morena por consequente, é mais do que a cor humana por excellencia—é a cor celeste por excellencia; é mais do que a cor celeste por excellencia,—é a cor divina por excellencia. Deus mesmo, com todo o seu infinito poder, não podia inventar uma cor mais bonita: foi a que escolheu para a sua dilecta Esposa e benedicto Filho.

Por tudo isso tenho grande desgosto de José de Alencar ter, no seu "Guaçu", posto o nome de "Morena" em uma "egua," mãe do "Juca!"

PAULINO NOGUEIRA.

A BARATA E A VELA

(FABULA)

Conheci uma baratinha que aborrecia a luz tanto quanto adorava a escuridão.

Como todas as baratas, obrigada a viver entoupeirada, no fundo do bahú, só arriscava-se ao ar exterior á noite, quando a véla se extinguia.

Roía os bolsos dos meninos, que cheiravam a queijo e a bolo; roía um christo de massa, cujas mãos decepadas, ficavam como duas estrellas brancas nos braços da cruz; roía o sapatinho da Maricota, si untavam de oleo o couro de lustro; e (atrevida!), roeu o dedinho grande da pequena! —por modos que ao amanhecer, o pesinho mimoso, com uma pintinha em carne viva, doia, doia, e eu sentia aquillo no meu coração como si eu fosse a Senhora das Dores traspassada pelas sete farpas. Roer aquelle pesinho que eu desejara cobrir de beijos, uma barata! o insecto mais repugnante que o sol cobre!

Outra vez, o nojento orthoptero poz-se a fazer tanta bulha atraz da mala, que a menina acordou.

Nodia segredos muito caladinha Maricota arriou o moovel até ao quintal, puxou a cadeira, e, chamando as gallinhas, ia desarrumando a roupa a procura da baratinha audaciosa.

Era com grande jubilo que eu via as baratas desaparecerem no bico voraz d'aquellas boas aves! Estava vingado. Mas a baratinha teria sido engulida?

Uma noite, eu lia o «Werther», e vejo uma traça sahir do lombo do livro. Quiz esmagal-a com o dedo. A traça respondeu que não havia roído o pesinho de ninguém.

—Ah, você sabe d'isso? — fiz eu empallidecendo.

—E até conheço a barata, — respondeu a traça pondo-se em pé. — Agora está descascando. Si me garante a vida entre os seus livros, dou-lhe

conta d'ella.

—Você tem a minha bibliotheca inteira! — disse eu toda generosidade.

Entretanto foram inuteis não só os planos da traça como os meus.

A menina por si mesma foi quem venceu a guerra. Executou a baratinha do modo mais pomposo deste mundo. Pillohou-a, n'uma noite em que o insecto vojava advinhando chuva e pousava-lhe na face as azas catiungosas. A véla! a véla foi quem matou a barata, foi quem a denunciou aos grandes olhos negros da santinha. Olhe como a luz persegue aos criminosos!

Maricota, fazendo segurar o insecto pelo maninho, muito calma e risonha, corada como o pejo, tomou um coto de véla, chegou-o ao lume, e pingando cera quente na encreassa do bicho, que estremeceu todo, pregou-lhe em cima o coto acceso.

Foi o espectáculo mais deliciosamente barbaro que já presenciou.

A baratinha ceitou a esfumar com o pharol acceso sobre o lombo, correndo como doia, por debaixo das cadeiras, pelo meio da casa, pelos

corredores, e a meninada tras, n'uma grita sublime, até ao momento em que o fogo devorou-a toda, espalhando um cheiro ruim pela casa.

Ai que Nero que eu era ante aquella viva t'cha ardente!

Sim, queridas meninas, innocenciae pandegamente a coto de véla todas essas nojentas baratinhas que enquanto vós dormis o bello sonho da puberdade tentam roer o esperancoso pesinho com que idea trilhar mais tarde o duro caminho da vida!

OLIVEIRA PAIVA.

MÃE DOLOROSA

Depõe um beijo louco e delirante
Na fronte inerte e pallida da filha
Q' acaba de morrer n'aquelle instante

Nocôo do seu amor, ahi já não brilha
A loura estrella fúlgida e radiosa
Q' acclarava da vida a escura trilha.

A pequenina bocca côr de rosa
Que desfolhava risos de innocencia
Stá agora gelada e silenciosa!

Do puro e doce olhar a transparencia
A morte perturbou impia e cruel
Ao ceifar em botão essa existencia.

Os beijos mais suaves do que o mel
Para a materna bocca sequiosa
Tem dos saibos da morte o acro fel.

O berço está deserto! A holicosa
E timida pombinha se evolou
Em busca de uma patria mais for-
(mosa.

A dor enorme o seio te rasgou
Oh! mãe afflicta; viste-a pequenina
Morrer como uma flor que se fanou.

Não chores! Como a estrella vesper-
(tina,
Que guia no deserto no viandante
A' noute de tua alma, ella illumina.

A vida é uma dor lenta, incessante,
Que nos fere do berço á sepultura,
O prazer se esvaece n'um instante.

Feliz o que na idade calma e pura
Da infancia, vóa ás plagas eternas
Sem um golpe soffrer da desventura.

Feliz o que adormece entre os rosas,
O que morre da vida n'alvorada,
Sua alma como a pomba immaculada
Busca o ninho no céu! Não chores
(mais!

F. CLOTILDE.

LIVROS E FOLHETOS

Recebemos:

— *Discurso* proferido na Camara dos deputados pelo Dr. Alvaro Caminha, por occasião da discussão do orçamento do ministerio do imperio, sobre a questão lambesti.

— O n. 12 do *Brasil Illustrado*, que communica-nos o desagradavel proposito de desaparecer temporariamente da imprensa nacional.

mos

esta interessante publicação artistica e litteraria occupando na imprensa do paiz a brilhante posição, em que tem conseguido attrahir a universal sympathia do publico.

— *Libertador-Kermesse*, edição unica. É uma contribuição para o monumento ao general Tiburcio.

Na 1.ª pagina vem a lithographia do inclyto general cearense, trabalho do habilissimo artista A. Vera-Cruz, do Recife, que em traços triumphantes reproduz com fidelidade o perfil d'aquelle homem illustre.

As 2.ª e 3.ª paginas trazem esmerado texto de poesias e artigos.

— O 1.º n.º do *Arquivo Brasileiro*, revista de philosophia, jurisprudencia e litteratura, dirigida por Clovis Bevilaqua e João Alfredo de Freitas.

Pe a dar aos leitores idéa do valor litterario e scientifico transcrevemos o seu opulento suminario:

Clovis Bevilaqua: da concepção do direito como reflectora da concepção do mundo.

João Freitas: Exterioridade do catholicismo brasileiro.

Dr. João Vieira de Araujo: Estudos juridicos italianos.

Dr. José Hygino: A superveniencia de algum filho legitimo do doador é uma causa da vogação commum a todas as doações inter-vivos.

João Freitas: Sobre a alma dos animes.

Desembargador J. M. de Freitas: Jurisprudencia dos tribunaes: Aggravo, execução.

Clovis Bevilaqua: Bibliotheca.

Conselheiro João José Pinto Junior: O espirito do direito romano, por Ihering.

— *Ensaio de critica*, paginas de litteratura por Alvaros da Costa, alumno da escola de direito do Recife.

Opportunamente firmaremos o nosso humillissimo juizo sobre o novo livro de critica moderna, que bem merece especial menção.

— *Revista Trimensal*, do Instituto do Ceará, n. 1.º — Fortaleza.

Estimavel repositorio de estudos de historia e geographia desta provincia, a *Revista* franqueia tambem as suas paginas á poesia, á critica e a outras fórmas litterarias.

— *Revista Federal*, publicação do Club republicano Rio-Grandense do Sul — Rio de Janeiro.

Com o 3.º numero de seu 2.º anno de brilhante existencia reapareceu sobre a nossa banca de trabalho esta publicação periodica cuja visita ha muito não recebiamos.

Prestando valiosa contribuição a propaganda republicana no paiz, a *Revista Federal*, em lances de prosa de bello e energico estylo, estuda os diversos aspectos da politica empirica, que hoje triumphante no poder deprime as energias da vida nacional, e apresenta-nos em quadros assombrosos de verdado a face real do regimen monarchico-escravocrata, em sua nudez, sem a gaze diaphana da timidez e da conveniencia.

Revelando nitida comprehensão da verdadeira politica scientifica, a evolucionista, e movidos por magnanima corrente de synergia de austeros sentimentos patrioticos, os lutadores da *Revista* proclamam o advento da oportunidade de ser firmada no Brazil a republica federativa.

Na mais fraternal communhão de idéas, d'aqui fazemos

votos para que aquella folha em sua campanha de proselytismo republicano consiga estimular os indecisos e robustecer cada vez mais a nova fé nos seus adeptos, vendo assim premiado o esforço despendido nos fecundos ensinamentos que ora dirige ao povo. Este, quando adquirir a consciencia da sua propria força e comprehender a necessidade da substituição do regimen estreito que manietta o espirito de livre associação, a força da iniciativa individual, faz bancarrota de dinheiro e moral publica e esterylisa os nossos esforços para a opulentação intellectual, moral e industrial do paiz, sancionará com o beneplacito de sua soberana adhesão à idéa que hoje apenas alguns espiritos privilegiadamente dotados de civismo pregam na imprensa.

ANNUNCIOS

CAFÈ JAVA

NO ELEGANTE KIOSQUE

DA
Praça do Ferreira

Em frente ao paço municipal.

Cafè fabricado a capricho.
Chocolate unico, como só aqui se fabrica.

Cerveja fria.

Charutos finos e cigarros fabricados especialmente para o

CAFÈ JAVA

Manoel Pereira dos Santos

Motta Vieira & C.

88--Major Facundo--88

FORTALEZA

Importadores e exportadores.

LOTERIAS CEARENSES

GARANTIDAS

NOVO PLANO

Extracções todas as semanas, sem transference. Bilhetes à venda nas casas de Ernesto Vidal, J. Eugenio e na

Thesouraria das Loterias.

LIBERTADORA

48--Rua da Boa-Vista--48

Este immenso estabelecimento sem duvida é o mais notavel na provincia, e que com o systema adoptado até hoje, de vender com insignificante lucro, e servir a todos os seus freguezes com rigoroso esmero, conquistando, assim, a mais plena confiança; recebe-se mensalmente de Paris o que ha de primoroso em FAZENDAS, MODAS E NOVIDADES.

Vende suas mercadorias por preços quasi impossiveis, merecendo assim a **Popularidade e sympathia** do muito illustrado publico cearense,--especialmente das Exm.^{as} Sras.

Contando cinco annos de existencia este notavel estabelecimento, cujas vantagens são aliás reconhecidas por seus proprios collegas, seus proprietarios não tem poupado esforços para melhorar cada vez mais o seu systema em proveito geral, tendo sempre sortimento profuso e escolhido de tecidos do mais apurado gosto e novidade.

SILVA CARNEIRO & C.

Importadores

CASA DE COMMISSÕES

ARMAZEM DE ESTIVAS

MERCEARIA

Generos de superior qualidade por todos os vapores, directamente.

Sortimento de vinhos finissimos.

Rua Formosa--72

Not. 5^o de Paris

LOJA DE MODAS E NOVIDADES
RUA DA BOA-VISTA N. 41

Este estabelecimento se acha montado com elegancia e luxo, recebe directamente de Paris, Hamburgo, Manchester e outras praças da Europa, todos os artigos de que se compoem seu sortimento, podendo assim dierecer vantagens nos preços a todos os seus freguezes.

Especialidade em calçados de luxo, chapéus e tecidos, novidades.

Enxovies para casamentos e baptizados

NABOR A. CHAGAS & C.
Ceará.

J. WEILL & C.^a

A mais antiga casa de JOIAS desta provincia tem sempre escolhido sortimento de tudo que diz respeito a

Joalheria. Relogios de todos os generos

Compram sempre ouro velho e moedas.

73--RUA DO MAJOR FACUNDO--73

CONFUCIO

Unico estabelecimento especial em artigos para

Uso domestico

Louças, vidros, mobilhas etc. Objectos para viagens, brinquedos para crianças.

ARTIGOS PARA JOGOS

Utensilios para escriptorios, banheiros, etc. etc.

59--Rua do Major Facundo--59

GUILHERME ROCHA & C.^a

Druga
ria



pharmacia

RUA FOI N.º